

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDICs) NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO

Diego Alves de Jesus¹
Gina Maria Imbroisi Teixeira²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar como as novas tecnologias e suas mais atuais mídias se inserem na educação, especificamente dentro da sala de aula no Ensino Médio. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo em três escolas diferentes, na qual foram feitas três entrevistas com professores de inglês de instituições distintas e, a partir delas, os resultados obtidos foram analisados. No que diz respeito ao referencial teórico, foram discutidos os conceitos de cibercultura, ciberespaço e o uso da tecnologia na educação. Como resultado, os professores entrevistados afirmam que o uso das novas tecnologias dentro da sala de aula influenciou de forma significativa na eficácia do aprendizado e que a imersão dos alunos nas aulas tem-se tornado algo muito mais frequente.

Palavras-chave: Cibereducação; Cibercultura; Tecnologia; Educação.

INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva identificar e analisar como as novas tecnologias contribuem para o ensino da língua inglesa nas escolas, baseando-se nos relatos de professores que fazem o uso de ferramentas tecnológicas e, também, em referenciais teóricos que possuem grande propriedade no assunto, como por exemplo os sociólogos e também filósofos Pierre Levy (1999, 2004, 2013, 2018) e Edgar Morin (2014).

Quando pensamos em Ensino Médio, pensamos em adolescentes que se encontram em fase de autoconhecimento, onde as suas vontades de conhecer, experimentar, entender, debater e compartilhar estão à tona. Assim, a inquietude toma conta dos jovens e fica cada vez mais difícil trabalhar o aprendizado de forma tradicional, com um simples quadro, piloto e livro. Os educandos de hoje requerem abordagens revolucionárias quando o assunto é ensino.

Ora, como atrair então a atenção de jovens alunos que buscam pelo novo, fora do comum, que sentem a necessidade de interagir e compartilhar as suas ideias? Diga-me, o que você sentiria se passasse dez anos comendo arroz e, de repente, experimentasse uma lasanha? Você sentiria prazer em comer a lasanha porque é algo novo, diferente e com isso, seu paladar saiu do comum e sair do comum atrai, agrada. A medida em que mais pratos diferentes fossem surgindo, mais prazer você sentiria em comer e mais vontade sentiria de conhecer novos pratos.

¹ Aluno de graduação em Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas, pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). E-mail: diegoalvesdejesus21@hotmail.com.

² Profa. Graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica do Salvador. Pós-graduada em Mídias na Educação. Especialista em Consultoria em Educação para o Trabalho. Especialista em tradução Inglês/Português-Português/Inglês.

Portanto, faz-se necessário um estímulo diferente para que o adolescente possa interagir em sala de aula e, conseqüentemente, aprender. Sendo assim, o que o professor pode trazer de novo para suscitar esse estímulo no aluno? Simples: novas práticas de ensino (fora do comum) e que também estejam associadas às práticas sociais do aluno, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. A educação [...] tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

A LDB põe como objetivo das práticas educacionais preparar o discente para o exercício da cidadania e para o trabalho. Para isso, a educação deve estar vinculada ao mundo do trabalho e à prática social.

Pierre Lévy (2018), em uma entrevista para a *Revista Gestão Educacional*, afirma que “A própria internet é uma memória de produção coletiva. [...] A escola do futuro será a escolassocial, onde a aprendizagem será colaborativa” (LÉVY, 2018, online). Com isso, Lévy fala sobre a “inteligência coletiva”, o que seria um compilado de pensamentos de várias pessoas compartilhado com várias outras pessoas através de recursos digitais, como a Internet. Na própria Internet os usuários produzem conteúdo a partir da interatividade, ou seja, a partir da prática social.

Diante do exposto, é possível dizer que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) no contexto escolar facilitam e contribuem para um aprendizado de qualidade. Com isso, este estudo está organizado em duas partes: “As TDICs, o Professor e os seus respectivos papéis na educação” e “As TDIC sem L.I”.

2 ASTDICs, O PROFESSOR E OS SEUS RESPECTIVOS PAPEIS NA EDUCAÇÃO

2.1 O Quesão as Tdics e como surgiram

O termo “tecnologia” vem do grego *tekhne*, que significa “técnica, ofício, arte”, já o seu sufixo “logia”, significa “estudo”. Pode-se, portanto, definir “tecnologia” como sendo um compilado de processos, técnicas, instrumentos e meios que visam a resolução de um ou mais problemas. Alguns exemplos de tecnologia são: quadro, lápis, cadeira, papel e etc. Para Lévy (2004) “um dos principais agentes de transformação das sociedades atuais é a técnica. Ou melhor, as técnicas, sob suas diferentes formas, com seus usos diversos, e todas as implicações que elas têm sobre o nosso cotidiano e nossas atividades” (p. 2).

Já a tecnologia digital, são materiais eletrônicos que estabelecem sua performance em

uma racionalidade binária. Qualquer dado adquirido por este equipamento é processado e guardado a partir de dois valores lógicos, ou seja, o número 0 e o número 1. A palavra “digital” é originário do significante em latim *digitus*, que tem como significado “dedo”. Alguns exemplos são: *pendrives*, câmeras digitais, *smart TVs* etc.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) são mídias utilizadas por uma variedade de pessoas que buscam por entretenimento, informação, interatividade, respostas rápidas e outras facilidades. Essas ferramentas estão disponíveis nas mais diversas formas: computadores, *tablets*, *smartphones*, *notebooks*, consoles de vídeo game e etc. É preciso estar atento para a diferença de TDICs para as Tecnologias de informação e comunicação (TICs); que são tecnologias onde o “digital” não faz parte, portanto, exemplos de TICs são: cartas, jornais, radiola e etc.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação surgem da evolução das Tecnologias de informação e comunicação, no âmbito da terceira revolução industrial. Com o rápido desenvolvimento das indústrias, grandes mudanças foram ocorrendo, como por exemplo, o avanço da robótica, que tinha como finalidade acelerar os processos de fabricação nas indústrias.

Com o objetivo de adquirir, conduzir e compartilhar de forma rápida e precisa as informações através da televisão, dos meios de telecomunicação em geral e, claro, pela internet, a tecnologia deu um enorme salto. A partir daí, o que era apenas Tecnologia de Informação e Comunicação, passa a ser Tecnologia Digital de Informação e Comunicação.

2.2 As TDICs no aprendizado

Como proferido acima, as tecnologias dispõem de ferramentas que proporcionam a interatividade, diversas informações completas e rápidas, bem como uma grande variedade de entretenimento. Todos esses mecanismos derivados da tecnologia são essenciais para transformar o método de ensino atual. Como exemplo desse processo de transformação, temos o projeto pioneiro na Bahia chamado Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITEc), que se tornou uma política pública e tem como objetivo viabilizar o estudo para jovens e adultos que moram em localidades longínquas e possuem difícil acesso às unidades escolares que ofertam o ensino médio, sendo isso possível através de equipamentos tecnológicos.

Tudo bem. Sabemos que em algumas escolas, um professor aqui e ali já adota as “práticas tecnológicas de ensino” – termo criado por mim para caracterizar o uso das novastecnologias em prol do aprendizado –, mas ainda que já existam professores que fazem o

uso de recursos tecnológicos em sala de aula – como por exemplo o Datashow e slides – a realidade continua sendo lamentável, pois as escolas ainda não adotaram o uso da tecnologia em si como uma ferramenta indispensável.

Fazer o uso do Datashow e de slides não carimba o problema como resolvido, principalmente no ensino médio, onde o professor precisa lidar com adolescentes que vivemem uma geração tecnológica, onde uma apresentação em slides não vai despertar a atenção de um aluno quetemo mundo na palma da mão: o *smartphone*.

Moran, Masetto e Behrens (2000), comentam:

Na sociedade da informação todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social. Uma mudança qualitativa no processo de ensino/aprendizagem acontece quando conseguimos integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 1-2).

Sim, é preciso inovar. Faz-se necessário o uso de mecanismos que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação oferecem e não me refiro à apenas um Datashow e slides, é preciso ir além e modernizar o ensino. Refiro-me ao uso dos *smartphones* dentro da sala de aula, ao uso da internet no espaço escolar, ao uso dos computadores, à adoção de atividades lúdicas e de redes sociais para o compartilhamento de ideias, para a troca de saberes e, não menos importante, para práticas sociais, proporcionando a integração sem distinção, que é justamente o que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) defende.

Com a Internet e toda a tecnologia que a acompanha, pode-se trabalhar em sala de aula e fora dela, no que chamamos de aprendizagem colaborativa, que como o próprio nome já pressupõe, consiste em uma metodologia de ensino que estimula a colaboração, interação e a participação ativa dos alunos. O antigo esquema de memorização para ser aprovado na avaliação escolar não se aplica mais nessa modalidade de aprendizagem, pois o que passa a entrar em questão aqui é o processo de investigação em que uma aprendizagem proativa e em grupo é desenvolvida.

Um dos principais benefícios da aprendizagem colaborativa é contribuir com o amadurecimento, desenvolvimento pessoal e profissional do educando. Aqui, o aluno estará de cara com um novo processo de aprendizagem. O conteúdo não será mais filtrado pelo professor e memorizado pelo aluno de forma metódica e o estudante receberá as orientações necessárias do docente utilizando ferramentas digitais, de modo a ser encorajado a pesquisar na rede sobre o assunto que está sendo indagado em sala de aula e a debater sobre ele com o grupo de pesquisa no qual está inserido, compartilhando e compreendendo ideias de outros colegas por meio de

grupos das redes sociais, blogs e etc. Este espaço dinâmico de aprendizagem colaborativa, onde as TDICs são as principais ferramentas, é chamado de Ciberespaço.

Sobre o Ciberespaço, Lévy (1999), comenta:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p. 17).

Dentro do ciberespaço existe uma memória de produção coletiva, também chamada de “inteligência coletiva” que pode ser entendida como sendo aquela que é compartilhada entre todos os indivíduos, independente de espaço geográfico, condição social, raça, religião e etc..

Portanto, as TDICs abrem portas para o ciberespaço, permitindo a conexão e a interatividade entre os estudantes, o que consequentemente contribui na construção de um sujeito epistêmico.

2.3 O Papel do Professor nesse novo Contexto

Betts (1998) discorre sobre o fato de que estas tecnologias educacionais sem um objetivo concreto é inválida:

Não podemos isolar a tecnologia do conjunto da prática educativa, porque, por si só, é burra. Existe a necessidade de intervenção de uma ação docente para que ocorra a construção do conhecimento. Nós, seres humanos, somos por natureza seres aprendentes e, conscientemente ou não, os facilitadores da construção do nosso próprio conhecimento (BETTS, 1998, p. 26).

A tecnologia não fará todo o trabalho, ela será usada pelos professores e alunos para facilitar e aprimorar os processos de ensino/aprendizagem. Para que se obtenha êxito, deve-se haver uma orientação do educador e um “saber manusear” do aluno. Com a inserção das tecnologias nas práticas de ensino/aprendizagem, uma nova porta é aberta para o professor, oferecendo-lhe o mesmo cargo mas com objetivos diferentes, de modo a remodelar a metodologia.

Para atestar ainda mais a afirmação feita sobre a importância do professor, retomo Nogueira (2010) que explica sobre esse assunto em uma de suas palestras, afirmando que “não é a ferramenta tecnológica sozinha que irá resolver as questões da aprendizagem, mas sim o quê e como trabalhamos com ela. Se a metodologia não for alterada, não há milagre tecnológico que possa dar conta de todos os problemas educacionais” (NOGUEIRA, 2010, online).

Portanto, o pensamento empirista que aponta para o fato de que o conhecimento vem unicamente da experiência humana – professor, o experiente dotado de conhecimento – passa

a ser substituído pelo pensamento construtivista ou interacionista, que defende a ideia de que o conhecimento surge da interação do sujeito como objeto. Claro que para haver a aprendizagem colaborativa, o aluno precisará ter uma bagagem de saberes indispensáveis para manusear e navegar nas ferramentas digitais com eficiência e, com isso, precisará ter conhecimento de idiomas estrangeiros, especificamente o inglês, visto que esse é o idioma que mais predomina na Internet.

Os educadores também necessitam mergulhar na cibercultura, que para Lévy (1999) é o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente como crescimento do ciberespaço” (p. 17). Ademais, Lévy ressalta que os professores precisam fazer o uso das ferramentas virtuais em prol da educação, explorando suas particularidades e dando mais abertura para que os alunos participem de forma ativa do processo de ensino-aprendizagem.

Os jovens possuem uma facilidade incrível para aprender a manusear todos os apetrechos digitais atuais, logo, os professores precisam conhecer tão bem quanto os seus alunos e, para que isso ocorra, o educador precisa se capacitar, afinal, um professor só pode ensinar aquilo que ele compreende. O professor precisa estar 100% imerso nessa nova cultura digital para que ele consiga obter bons resultados em suas aulas.

Claro que, para que toda essa transformação metodológica ocorra dentro da sala de aula, deve-se haver, além de uma bagagem de saberes, uma base disciplinar, um preparo e um certo amadurecimento do aluno. Por exemplo: os jovens precisam aprender não só **como** mas, principalmente, **quando** utilizar pedagogicamente um *smartphone* dentro da sala, manuseando-o conscientemente, de forma que não atrapalhe a turma com músicas ou quaisquer sons em meio à aula.

De fato, a substituição das antigas ferramentas de leitura vem se tornando uma realidade cada vez mais abrangente, visto que o contato com a tecnologia dá lugar para o surgimento dos textos multimodais. Muitas escolas já adotaram o uso de *tablets* em sala de aula e de acordo com a pesquisa TIC Educação (BRASIL, 2017), que faz um levantamento de informações a respeito da influência das tecnologias em escolas públicas e privadas, foi apontado que “94% dos professores ouvidos acreditam que o uso de tecnologias permite o acesso a materiais didáticos mais diversos e de melhor qualidade” (BRASIL, 2017, p. 29). A pesquisa ainda afirma que: “As novas tendências educacionais têm ajudado as escolas a se aproximarem dos alunos, a melhorarem o aprendizado e a atualizarem os processos pedagógicos.”.

AS TDICs NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Com o avanço da tecnologia foi possível o desenvolvimento da internet, tendo essa sido extremamente importante para o que chamamos hoje de “globalização”. Claro que não começou com redes interligadas, como é atualmente. A internet saiu do uso exclusivamente militar e evoluiu para a web 1.0 em meados dos anos 90, trazendo sites de conteúdo estático e com pouca interatividade dos usuários. Nessa época, prevaleciam o comércio, os sites de empresas e instituições cheios de páginas “em desenvolvimento”. Nessa primeira fase, a web ficou conhecida como a “internet das empresas”.

Com o surgimento da web 2.0, que já podemos chamar de “era social”, as mídias sociais colaborativas começaram a surgir com força, como por exemplo: os blogs, *chats* de bate papo, *Orkut*[®], *Youtube*[®], Wikipédia e etc. Neste momento, a humanidade encontrava-se conectada, todos passaram a ter voz que ecoava em diferentes localidades do mundo. Foi nesse contexto que nasceu o ciberespaço e com ele a interatividade, onde surgiu a comunidade universal. A partir daqui, passamos a ter total acesso ao mundo.

Com tamanha facilidade de interação e, claro, de se conectarem à diversas formas de entretenimento, os jovens têm cada vez mais utilizado as TDICs. Para se ter uma ideia do quanto isso é real, uma pesquisa divulgada pelo Comitê Gestor da Internet revela que “82% dos jovens entre 9 a 17 anos entram na rede por telefones móveis, enquanto 56% navegam em dispositivos fixos” (MELLO, 2015).

Nesse âmbito da globalização, quando o professor de inglês, por exemplo, passa a adotar as TDICs dentro da sala de aula, certamente ele só tem contribuído como aprendizado dos seus educandos, tendo em vista que as TDICs oferecem situações que demandam um maior uso da língua inglesa – diferente das simples situações desenvolvidas em sala de aula – estimulando no aluno a prática e, conseqüentemente, a participação ativa.

Para que o ensino da língua inglesa tenha maior eficácia dentro da sala de aula, o professor precisa fazer com o que o aluno entenda a importância dessa língua para a sua vida. Em outras palavras, o educador deve mostrar ao estudante onde e como tal aprendizado pode ser aplicado em seu contexto social. Para isso, faz-se necessário duas coisas: o uso da internet no ambiente escolar e a prática de atividades que aproximem o aluno da ideia de que unir o inglês à tecnologia torna possível sua conexão com o mundo. Em consonância com Fox (1998), quando discorre sobre o fato de que grande parte do conteúdo que está disponível na Internet está em inglês e que dessa forma quem acessa tais conteúdos percebe a utilidade em querer aprender o idioma.

O docente deve estar atento ao uso das redes sociais que poder ser tomada como uma

ferramenta imprescindível para o aprendizado de novas línguas porque além de proporcionar ao aluno a interatividade com pessoas de diversas partes do mundo, oferece o contato direto com palavras de outros idiomas, sobretudo o inglês, a exemplo do *Facebook*[®], do sistema de mensagens do *Instagram*[®] chamado *direct*, além dos seus famosos *stories*. Existe também o *WhatsApp*[®] com o *chat* e, entre diversas outras palavras. O mais incrível é que não se limita ao contato entre idiomas, mas abre portas para o enriquecimento cultural através da interação, sendo isto parte do eixo “dimensão intercultural” proposto pela BNCC.

Muito se fala que, para aprender um outro idioma, deve-se manter o contato diário com a língua. Nesse sentido, as redes sociais oferecem tal contato 24 horas por dia, de domingo a domingo. Isso leva à uma modalidade de aprendizado fora do espaço escolar, onde o protagonista do conhecimento passa a ser o próprio aluno, que está aprendendo através de uma interatividade que ele está propiciando a si mesmo.

Seguindo o raciocínio de Menezes (2010), o professor deixa o papel – historicamente arquitetado – de centralizador do conhecimento para se tornar um incentivador da inteligência coletiva, aperfeiçoando e promovendo um aprendizado contínuo e em grupo, ou seja, o espaço escolar deixa de ser o único ambiente de estudo, pois com o incentivo e, principalmente, orientações do professor, o aluno poderá manter um aprendizado constante, seja em casa assistindo a um filme legendado – solicitado pelo professor – e daquele filme destacar expressões utilizadas no dia a dia, seja jogando vídeo game e fazer um vocabulário com palavras que estão presentes no jogo para apresentar à turma na aula seguinte, ou até mesmo interagindo em um grupo de *WhatsApp*[®] – criado e administrado pelo professor – onde os alunos poderão conversar em inglês com os colegas, trocar ideias, tirar dúvidas, errar e acertar, compartilhar conquistas, avançar na pronúncia através do envio de áudios e etc.

A tecnologia avançou tanto que hoje em dia é capaz de levar uma sala de aula virtual para o aluno, independentemente de onde ele esteja. Existem vários sites que oferecem aulas de inglês, como a plataforma de *streaming* mais conhecida da *Internet: o Youtube*[®], lançado em 2005 contando com mais de um bilhão de usuários e que hoje dispõe de uma quantidade imensa de vídeos.

Foi nesse sentido que se popularizou a frase: “Não sabe? Pesquisa no *Youtube*”. O site oferece vídeo-aulas das mais diversas áreas do conhecimento: física, história, filosofia, gramática, idiomas (não só o inglês; existem vídeos que ensinam francês, alemão e outro), geografia e etc. A Internet não só nos oferece acesso ao mundo, como também nos possibilita acesso a uma vasta quantidade de conhecimento. Um *smartphone* conectado à rede, por exemplo, torna-se um portal para um mundo de conteúdo, tudo isso na palma da mão e

absolutamente espetacular. Há alguns anos atrás isso não existia.

Uma outra forma de aprender Inglês, proporcionado pelas TDICs e que ultimamente vem se tornando algo bastante popular, principalmente entre os jovens, são os *podcasts*, um conteúdo em formato de áudio que funciona, basicamente, pela junção de um *e-book* com um rádio, ou seja, um conteúdo que você não precisará ler e sim escutar.

Às vezes, o aluno possui uma vida bastante agitada pois, além de estudar, ele precisa trabalhar. Fazendo o uso das TDICs, nas práticas de ensino-aprendizagem, teremos alternativas de estudo para oferecer a este aluno, que poderá exercitar o inglês, ainda que possua pouco tempo, fazendo o uso de *podcasts* solicitados pelo professor. É rápido e prático, basta dar *play* ouvir, dando flexibilidade ao aluno para que ele possa fazer outras coisas enquanto escuta o conteúdo. *Podcasts* trabalham a oralidade do estudante, além de sensibilizar a sua audição para com o idioma estudado. Com isso, ele poderá estabelecer uma melhor comunicação estiver conversando com alguém em inglês.

Adotar o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, unir a criatividade do professor, compreender o contexto social e atender aos interesses do aluno, proporcionará um avanço imensurável no ensino da língua inglesa.

Para Windeatt, Hadisty e Eastment (2000), em *The Internet*, requisitos básicos são necessários para que o uso da Internet no aprendizado seja bem sucedido. Um desses requisitos é que o professor deve ser crítico, pois na *web* qualquer indivíduo tem a liberdade de publicar o conteúdo que desejar, o que leva à acreditar que muita informação circulada nos sites podem não ser verdadeira, sendo necessário expandir o senso crítico para a investigação e avaliação da informação, habilidade indispensável a educadores e educandos.

O professor também precisa ter curiosidade em explorar o espaço virtual, pois a internet está em incessante mudança, oferecendo possibilidades para a aprendizagem de línguas nunca antes vistas. Além disso, esses profissionais devem estar preparados ao examinar com antecedência os sites que serão utilizados na aula, pois as páginas virtuais tendem a se modificar e, por vezes, entram em manutenção ou simplesmente desaparecem e com isso, o professor precisa ter atividades alternativas.

Vale salientar que é preciso saber aliar as tecnologias digitais ao ensino e usar isso para estimular o jovem a querer aprender do lado de fora da escola. É muito fácil fazer isso considerando as possibilidades e vantagens que a tecnologia nos oferece.

As ferramentas digitais nos dão acesso a um mundo cujo jovens estão totalmente imersos: o mundo da música. Todo jovem gosta de música e isso os atrai. Aliar a tecnologia ao aprendizado, envolvendo um tema que esteja ligado aos interesses desse público, é uma

estratégia infalível.

Não é só escutar em um rádio, dentro da sala de aula, uma música pré-selecionada pelo professor, é pedir, por exemplo, para que o aluno escolha a sua música preferida e traduza para o português o trecho que ele mais gosta e compreenda as relações culturais por meio dos termos coloquiais presentes, pedir para que ele ponha a música no seu *smartphone* e cante em sala de aula com os seus colegas e, por fim, fazer com que tenha a sensação maravilhosa de saber o que está ouvindo de sua música preferida. Dessa forma, oferecemos ao jovem a imersão naquilo que ele mais gosta. Com certeza essas práticas lúdicas, onde o aluno é o protagonista do conhecimento e que pode participativamente do processo de aprendizado, estimular-lhe-ão a querer aprender cada vez mais, não só dentro da escola como também fora dela.

Infelizmente, sabemos que há uma realidade a ser enfrentada, principalmente nas escolas públicas, como a desfavorável situação social na qual muito dos alunos se encontram. É um fato que em uma escola pública, numa mesma sala, haverá o aluno que possui computador em casa e haverá outro que não possui nem um celular. Isso existe, isso é real. Sendo assim, como aplicar as práticas tecnológicas de ensino em escolas que possuem alunos que não entendem muito de tecnologia? A resposta é: inclusão digital.

Para conceituar a inclusão digital, Teixeira (2010) diz:

[...] Assim, propõe-se o alargamento do conceito de inclusão digital para uma dimensão reticular, caracterizando-o como um processo horizontal que deve acontecer a partir do interior dos grupos com vista ao desenvolvimento de cultura de rede, numa perspectiva que considere processos de interação, de construção de identidade, de ampliação da cultura e de valorização da diversidade, para a partir de uma postura de criação de conteúdos próprios e de exercício da cidadania, possibilitar a quebra do ciclo de produção, consumo e dependência tecnocultural. (TEIXEIRA, 2010, p. 39)

Quando o jovem é inserido no ciberespaço, ele estará fazendo parte da sociedade da informação, evitando a exclusão social por meio do uso das TDICs, tendo um passe livre para participar da comunidade universal, expressando-se, interagindo e exercendo o seu papel de cidadão. Atualmente, existem diversos programas de inclusão digital que são apoiados pelo Governo Federal, como o Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo), Programa Casa Brasil, Computador para todos, Observatório Nacional de Inclusão Digital (ONID), Programa Estação Digital, entre outros.

Warschauer (2003) propõe linhas de ação para o uso da Internet no ensino de inglês. Ele propõe a imersão dupla, que discorre sobre o uso simultâneo de trabalhos para desenvolver habilidades linguísticas e letramento digital, pois nem todos os alunos – muitas vezes devido à situação de baixa renda – possuem conhecimento para lidar com a Internet, como noções

básicas de organização de pastas, textos, envio de *e-mails*, entender os mecanismos de busca para localizar materiais e conteúdos e, principalmente, a avaliação crítica desses conteúdos, pois como a Internet é livre para que qual quer indivíduo possa compartilhar o que quiser, é fundamental aprender a analisar a confiabilidade da página e o conteúdo do material encontrado.

Adotar as TDCIs para o ensino da Língua Inglesa é, sem dúvidas, extremamente importante, porque é através delas que nós – professores – modificaremos o ensino para melhor, proporcionando uma nova dinâmica e eficácia de aprendizado dentro das salas de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velocidade com que o mundo evolui é absurda e a cada ano que passa vem se tornando ainda mais potente. T tamanha evolução também afeta, claro, as pessoas que convivem neste mundo e, dessa forma, todos nós caminhamos lado a lado nesse processo evolutivo. O mundo evolui porque as pessoas evoluem.

Atualmente, as crianças crescem estando em constante contato com as tecnologias e com isso, aos 5 anos de idade em sua maioria, já sabem manusear um *smartphone* melhor do que uma pessoa da terceira idade. Desse modo, conclui-se que uma nova geração precisa de uma nova abordagem, principalmente nas escolas.

Assim, é necessária uma reconfiguração no ensino da língua inglesa dentro das escolas. Perceba que não é uma alternativa, é uma necessidade. Precisamos atender à essa nova geração de crianças/jovens de acordo com o mundo atual.

Um quadro, um giz e um livro poderiam dar conta do caso se ainda estivéssemos na década de 90, mas estamos lidando com crianças/jovens que, desde bebês, vêm brincando com jogos em *tablets* e/ou *smartphones*. Estamos lidando com jovens que já não frequentam a biblioteca com tanta frequência como os jovens de antigamente, porque hoje em dia já existem livros disponíveis em formato *PDF*, existem bibliotecas virtuais e os famosos *e-books*, além dos já mencionados *podcasts*.

É um fato que as pessoas evoluem, o mundo evolui e, não podendo ficar de fora, o sistema educacional também precisa evoluir. Não dá mais para enxergar o celular como sendo o vilão nas salas de aula, tal como fazíamos há alguns anos atrás. Devemos enxergá-lo como sendo o nosso novo aliado, porque ele é.

As mídias tecnológicas trazem consigo uma gama de atividades lúdicas, conteúdos e outras ferramentas que proporcionam maior eficácia no ensino-aprendizado da língua inglesa. Criando essa atmosfera moderna dentro das salas de aula, “atualizando” a forma como se ensina

um novo idioma, é garantia de que as aulas de inglês nas escolas nunca mais serão as mesmas podendo até abrir espaço para uma geração bilíngue.

REFERÊNCIAS

- BETTS, Davi Nelson. Novos paradigmas para a educação. **Revista de Educação do Cogeime**, v. 7, n. 13, p. 133-138, 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/1996, 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 27. 833, 23 dez., 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 fev. 2019.
- FOX, Gerald. The Internet: Making it Work in the ESL Classroom. **The Internet TESL Journal**, n. 9, 1998. Disponível em: <http://iteslj.org/Articles/Fox-Internet.html>. Acesso em: 08 fev. 2019.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. Internet e Escola de Mãos Dadas. [Entrevista concedida a] Marcela Mazetto. **Revista Gestão Educacional**, Brasília, 16 abr. 2018. Disponível em: <https://www.gestaoeducacional.com.br/internet-e-escola-de-maos-dadas/>. Acesso em: 04 fev. 2019.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**: O futuro do pensamento na era da informática. Tradução de: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2004.
- MELLO, Daniel. Celular é usado por 82% das crianças e adolescentes para acessar internet. **Agência Brasil - EBC**, São Paulo, 28 jul. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-07/celular-e-usado-por-82-das-criancas-e-adolescentes-para-acessar-internet>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- MENEZES, Luis Carlos de. Ensinar com a ajuda da tecnologia. **Nova Escola**, São Paulo, ano 25, n. 235, 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/705/ensinar-com-ajuda-da-tecnologia>. Acesso em: 11 fev. 2019.
- MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.
- MORIN, Edgar. A educação não pode ignorar a curiosidade das crianças. [Entrevista concedida a] Andrea Rangel. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 ago. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/educacao-360/a-educacao-nao-pode-ignorar-curiosidade-das-criancas-diz-edgar-morin-13631748>. Acesso em: 05 fev. 2019.
- NOGUEIRA, Nilbo. O confronto da metodologia com a tecnologia na educação. **Jornal Brasil**, São Paulo, 26 abr. 2010. Disponível em: <https://jornalbrasil.com.br/noticia/o-confronto-da-metodologia-com-a-tecnologia-na-educacao.html>. Acesso em: 07 fev. 2019.
- TEIXEIRA, Adriano Canabarro. **Inclusão Digital**. Novas perspectivas para a informática e educativa. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.
- WARSCHAUER, Mark. **Technology and social inclusion: rethinking the digital divide**. Massachusetts: MIT Press, 2003.
- WINDEATT, Scott; HARDISTY, David; EASTMENT, David. **The Internet (Resource Books for Teachers)**. Oxford: Oxford University Press, 2000.